



Auto-apreciação do estado de saúde e qualidade de vida em imigrantes das comunidades de origem Africana e Brasileira em Portugal



Alarcão V¹; Carreira M^{1,2}; Godinho M¹; Portugal R^{1,3}; Pereira Miguel J^{1,3}

INTRODUÇÃO

Em Portugal, são praticamente inexistentes os estudos populacionais sobre o estado de saúde e a qualidade de vida dos imigrantes. Em 2007 foi realizado um estudo sobre a Avaliação do Acesso aos Cuidados de Saúde e Nível de Saúde das Comunidades Imigrantes Africanas e Brasileira em Portugal, no âmbito do qual foi pedida uma auto-avaliação do estado de saúde e da qualidade de vida a estas comunidades.

OBJECTIVOS

Caracterizar a auto-apreciação do estado de saúde e da qualidade de vida em comunidades imigrantes africanas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e brasileira; e comparar os dados obtidos neste estudo com os dados obtidos pelo 4º Inquérito Nacional de Saúde (INS).

MATERIAL E MÉTODOS

As populações estudadas foram homens e mulheres pertencentes às comunidades imigrantes africanas dos PALOP e brasileira, residentes nos concelhos dos Distritos de Lisboa e Setúbal com maiores proporções dessas comunidades, de acordo com os dados dos Censos de 2001. Naturalizados e descendentes de imigrantes, até à terceira geração, também se consideraram pertencentes a estas comunidades.

Os indivíduos foram seleccionados utilizando uma metodologia de amostragem aleatória espacial por aglomerados realizada com recurso a um Sistema de Informação Geográfica (SIG), tendo sido amostrados vinte clusters (áreas fixas de 50x50 m²) em cada concelho. Foram ainda utilizadas ferramentas de *routing* disponíveis na Internet para gerar percursos destinados a guiar entrevistadores no terreno.

O questionário aplicado foi adaptado do 4ºINS e foi realizado no domicílio. As questões relativas à qualidade de vida foram aplicadas apenas ao próprio, tendo-se excluído a informação "proxy" fornecida por outros elementos da unidade de alojamento, possível noutras perguntas do questionário. A auto-apreciação do estado de saúde e qualidade de vida foram relacionadas com variáveis sócio-demográficas e culturais.

Figura 1 – Processo de amostragem por aglomerados geográficos



RESULTADOS

Em 2007 foram aplicados 4467 inquéritos com uma taxa de adesão de 92%. A informação de 17% não foi contemplada nesta análise por corresponder a indivíduos com 15 e mais anos e ter sido colhida por terceiros.

A nossa amostra é constituída por 3677 indivíduos, 72% pertenciam à comunidade imigrante africana e 28% à comunidade imigrante brasileira. Quanto à naturalidade, 43% eram de origem africana, 24% brasileira, e 32% portuguesa. Os imigrantes de segunda geração eram maioritariamente descendentes de imigrantes dos PALOP (92%), sendo apenas 8% descendentes de brasileiros. Cerca de 55% da nossa amostra eram do sexo feminino, a média de idades era de 25±16,8 anos e a média de residência em Portugal, de 10±29,2 anos. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre idade e naturalidade ($F = 11,981$; $p < 0,001$), sendo os nascidos em Portugal 19 e 24 anos em média mais novos do que os do Brasil e PALOP, respectivamente. Os inquiridos de origem africana residiam em Portugal em média há mais 8 anos do que os de origem brasileira ($t = -0,071$; $p < 0,001$).

Cerca de 70% consideraram o seu estado de saúde **Muito bom/Bom**. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre naturalidade e auto-apreciação do estado de saúde ($X^2 = 188,124$; $p < 0,001$). Foram mais os de naturalidade portuguesa (81%) e brasileira (78%) do que africana (59%) a considerar o seu estado de saúde **Muito bom/bom**. Verificou-se uma maior proporção de homens (76%) a considerar o seu estado de saúde **Muito bom/bom** ($X^2 = 55,031$; $p < 0,001$). A maior parte da população com idade inferior a 34 anos considerou o seu estado de saúde **Muito bom/Bom** (79%), ao contrário da restante que avaliou como **Razoável** (41%) ($X^2 = 278,562$; $p < 0,001$).

Os dados do INS apontam para uma menor percentagem da população do Continente a considerar o seu estado de saúde como **Muito bom/Bom** (53%), mas apresentam a mesma tendência para uma maior proporção de homens e população com menos de 34 anos satisfeitos com o seu estado de saúde.

Quanto a modificações no estado de saúde com o processo migratório, metade dos inquiridos referiram que o seu estado de saúde se manteve igual a antes de imigrar, enquanto que 27% consideraram que está **Muito melhor/Meior**, e 23% que está **Muito pior/pior**. Foram mais os imigrantes de origem africana a considerar que o seu estado de saúde está **Muito melhor/Meior** do que os brasileiros ($X^2 = 55,004$; $p < 0,001$). As mulheres, mais que os homens, consideraram que o seu estado de saúde está **Muito pior/Pior** ($X^2 = 36,770$; $p < 0,001$).

Quanto à auto-avaliação da qualidade de vida, 49% referiram que a sua qualidade de vida é **Muito boa/Boa** e 46% **Nem boa nem má**. Existem diferenças nesta avaliação consoante a naturalidade ($X^2 = 219,184$; $p < 0,001$), sendo sobretudo os Brasileiros, mas também os nascidos em Portugal, os que melhor avaliaram a sua qualidade de vida (69% e 55% avaliaram como **Muito boa/Boa**, respectivamente, face a apenas 38% dos africanos). A avaliação da qualidade de vida foi também mais positiva nos inquiridos do sexo masculino do que feminino ($X^2 = 18,494$; $p = 0,001$).

Figura 2 – Auto-apreciação do estado de saúde

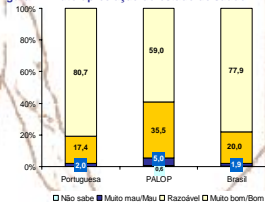
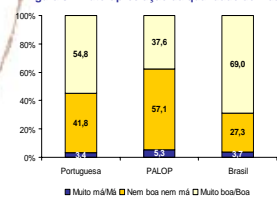


Figura 3 – Auto-apreciação da qualidade de vida



Os dados do INS apresentam valores muito idênticos (48% da população a considerar a sua qualidade de vida como **Muito boa/Boa** e 45% como **Nem má nem boa**), tendo-se registado a mesma tendência de maior proporção de homens a classificarem de forma mais positiva a sua qualidade de vida.

No que diz respeito à auto-apreciação da saúde, 75% responderam estar **Muito satisfeitos/Satisfeitos** com a sua saúde. Existem diferenças nesta avaliação consoante a naturalidade ($X^2 = 35,048$; $p = 0,001$): 81% dos nativos, 76% dos brasileiros e 73% dos africanos referiram estar **Muito satisfeitos/Satisfeitos** com a sua saúde. E também por sexo ($X^2 = 52,555$; $p = 0,001$): 80% dos homens comparativamente a 71% das mulheres referiram estar **Muito satisfeitos/Satisfeitos** com a sua saúde.

CONCLUSÕES

Este estudo corresponde à primeira análise da auto-apreciação do estado de saúde e qualidade de vida das comunidades imigrantes, possibilitando a comparação com a generalidade da população residente em Portugal através dos dados do INS.

Será necessário uma análise mais profunda para se perceberem as diferenças culturais que podem estar na origem da auto-apreciação do estado de saúde e qualidade de vida, nomeadamente diferentes entendimentos de saúde/doença.

1 Instituto de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
2 Direcção-Geral da Saúde
3 Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge

Para mais informações:
Mário Carreira
mfc@netcabo.pt

